

MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE PERCEPTIVO-VISUAL:  
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

DISCOURSE MARKERS BASED ON VISUAL PERCEPTIVE :  
A CONSTRUCTIONAL APPROACH

Mariangela Rios de Oliveira  
Universidade Federal Fluminense  
mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Vânia Rosana Mattos Sambrana  
Universidade Federal Fluminense  
v\_rosana@oi.com.br

RESUMO:

Investigamos a construção marcadora discursiva formada por verbo perceptivo-visual e afixoide, constituinte do esquema  $[V_{pv}(X)]_{dm}$ , com base em *constructos* no português brasileiro contemporâneo. Fundamentados na Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), entre outros, detectamos subesquemas e microconstruções desse esquema maior, com foco em seu nível de vinculação semântico-sintática e produtividade. Constatamos que *olhar* e *ver* são as bases verbais, as subpartes centrais que instanciam tais usos, como *olhe* e *veja*, enquanto a segunda subparte, quando preenchida, o faz por intermédio de afixóides locativos ou focalizadores, em *types* como *olha só* ou *vê lá*.

PALAVRAS-CHAVE:

Marcadores discursivos; construcionalização; uso linguístico; mudança linguística.

ABSTRACT:

We investigate the discourse marker construction formed by visual perceptual verb and affixoid, constituent of the scheme  $[V_{vp}(X)]_{dm}$ , based on constructs in contemporary Brazilian Portuguese. Taking the Usage-Based Functional Linguistics as theoretical support, in terms of Traugott and Trousdale (2013), among others, we detected subschemas and microconstructions of this larger scheme, focusing on its level of semantic-syntactic linkage and productivity. We found out that *olhar* (*to look*) and *ver* (*to see*) are the verbal bases, the central subparts that instantiate such uses, as *olhe*

(*look*) and *veja* (*see*), while the second subpart, when filled, does it through locative or focalizer affixoids, in types as *olha só* or *vê lá*.

#### KEYWORDS:

Discourse markers; constructionalization; language usage; linguistic change.

## Introdução

Neste artigo, tomamos como objeto de investigação uma construção gramatical específica, formada por verbo de base perceptivo-visual, base esta que pode admitir complementação por outro constituinte de natureza locativa ou focalizadora. Essa construção atua no nível da marcação discursiva e doravante será apresentada a partir de uma configuração esquemática formada por duas subpartes: verbo perceptivo visual ( $V_{pv}$ ) e uma segunda subparte ( $X$ ), de caráter opcional, que pode ser preenchida por constituintes como *aqui*, *ai*, *só* ou outros. Tal esquema é margeado por colchetes, na demonstração da vinculação simbólica das duas subpartes, é acompanhado por registro de sua função maior ( $_{md}$ ), a marcação discursiva, e se encontra assim representado:  $[V_{pv}(X)]_{md}$ . Estamos nos referindo a instâncias de uso<sup>1</sup> como as destacadas a seguir, em fragmentos extraídos de um de nossos bancos de dados:

(1) - *ai às vezes eu “olhe - não dá vamos sair - vamos sair vamos ali: vamos ali no bar tomar uma cerveja ou: vamos sentar ali na praça” - uhm - e começo a conversar com ele - “rapaz olha é: assim assim assim assim” coloco tudo pra ele - veja só eu eu eu tenho aqui um caderno de anotação às vezes eu fico até policiando ele anotando sabe? - todos os deslizes - durante um dia - entendeu?* (CP, séc. XX, oral, Recife, inq. 340)

(2) *No último degrau, se aproximou dele, risonha, e recomendou: - Olha lá, hein! Aquilo é segredo. Aonde andaria ela naquele momento? Olhou para fora, de novo. A penumbra do porão envolvia-o como uma carícia.* (CP, séc. XX, Fic, Br, Francisco I. Peixoto, Chamada Geral)

<sup>1</sup> Como a construção é uma entidade virtual e abstrata, quando recrutada para o uso linguístico, nos referidos a sua *instanciação*. Na hierarquia construcional, o uso efetivo corresponde ao nível do *constructo*, ao *token* empiricamente atestado, nos termos de Traugott (2012), considerado também etapa inicial para a mudança linguística.

Como podemos observar, os elementos destacados se encontram em função marcadora do discurso, fora do nível sintático estrito, uma vez que não são partes constitutivas dos constituintes sintáticos básicos, como sujeito e predicado. Nas instanciações da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  destacadas em (1) e (2), as duas subpartes – V e X – se encontram destituídas de alguns de seus traços categoriais básicos, como o sentido físico de percepção-visual e marca adverbial, respectivamente, em prol da articulação de um sentido geral, uno, de cunho mais abstrato e virtual, no nível pragmático da língua, voltado para a negociação de sentidos, a chamada de atenção, a defesa de pontos de vista, a condução da interpretação do ouvinte, entre outros, por parte dos interlocutores.

Observados ambos os contextos de uso, constatamos que (1) e (2) são sequências marcadas por intersubjetividade, nos termos de Traugott e Dasher (2002). Nesses fragmentos, as instanciações da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  ocorrem em trechos de discurso direto, em que o locutor atua de modo mais efetivo sobre o interlocutor (“*olhe - não dá vamos sair; rapaz olha; veja só eu eu eu tenho aqui um caderno de anotação; Olha lá, hein! Aquilo é segredo*”). Outras marcas linguísticas contribuem para a intersubjetividade generalizada desses contextos, como a prosódia exclamativa e a interrogativa, o uso de vocativos, bem como a articulação de outros marcadores discursivos (*uhm, sabe?, entendeu?, hein!*), além de outros recursos.

Nosso objetivo, além de caracterizar a referida construção como instanciada em (1) e (2), é o de levantar, descrever e analisar sua instanciação em fontes do português contemporâneo<sup>2</sup> do Brasil. Partimos da hipótese de que  $[V_{pv}(X)]_{md}$  faz parte de uma rede funcional hierarquizada e interligada, distribuída em dois subesquemas, conforme a base verbal ocupante da posição V – *olhar* ou *ver*. A partir desses dois subesquemas, alinham-se construções mais específicas, que se agregam ou afastam uma das outras em termos formais e funcionais.

Para dar conta de nossos objetivos, fundamentamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010; 2015), entre outros. Essa vertente teórica constitui tendência mais recente do Funcionalismo de orientação norte-americana e resulta do diálogo com a abordagem construcional da gramática, de cunho cognitivista. Como um dos pontos de distinção face ao Funcionalismo clássico, a LFCU incorpora, de modo mais efetivo e explícito, o componente estrutural, ou formal, a suas análises, reequilibrando a díade *função forma*. No Brasil,

---

<sup>2</sup> Na terceira seção deste artigo, as referidas fontes são informadas, bem como os respectivos *links* para o acesso eletrônico.

Oliveira e Cezario (2017), Bispo e Furtado da Cunha (2017) e Rosário e Oliveira (2016) são fontes representativas da LFCU.

Na pesquisa dos padrões de uso e da produtividade da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , empreendemos análise sincrônica do português brasileiro, a partir de bancos de dados representativos da língua em uso no país durante o século XX. Procedemos ao levantamento de instâncias da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  em quatro *corpora*: *Corpus Discurso e Gramática (D&G)*<sup>3</sup>; Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC)<sup>4</sup>; *Corpus do Português (CP)*<sup>5</sup>; Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL)<sup>6</sup>.

Este artigo se encontra dividido em três seções maiores. Na primeira, apresentamos os fundamentos teóricos da LFCU, segundo os três eixos centrais que caracterizam esse campo de investigação: a abordagem construcional, o viés cognitivo e as motivações de natureza pragmático-discursiva. Na segunda seção, caracterizamos nosso objeto de pesquisa, a construção  $[V_{pv}(X)]_{md}$  e destacamos a marcação discursiva como sua função precípua. Na terceira seção, dedicamo-nos ao tratamento empírico das instâncias da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  nos *corpora* selecionados e, com base nesses dados, chegamos ao estabelecimento da hierarquia construcional da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , seus subesquemas e microconstruções. Por fim, tecemos algumas considerações finais, com destaque não só para os resultados de pesquisa a que chegamos como também para o promissor campo de investigação da gramática do português com base na LFCU.

## 1. Bases teóricas da LFCU

Na virada do século XX para o século XXI, resultante da aproximação dos estudos funcionalistas praticados na Costa Oeste dos Estados Unidos, inspirados em Traugott, Thompson, Bybee, Givón, Hopper, entre outros, com a perspectiva construcional assumida pelo Cognitivismo, na linha de Goldberg, Croft e outros, surge uma recente tendência de investigação dos usos linguísticos, a que nomeamos *Linguística Funcional Centrada no Uso* (OLIVEIRA, ROSÁRIO, 2015; CEZARIO, FURTADO DA CUNHA, 2013). Como ponto distintivo em relação aos estudos funcionalistas mais tradicionais, a LFCU passa a conjugar, de modo mais holístico e efetivo, a dimensão da função e da forma,

<sup>3</sup> Disponível em [www.discursoegramatica.lettras.ufirj.br/download/](http://www.discursoegramatica.lettras.ufirj.br/download/)

<sup>4</sup> Disponível em [www.lettras.ufirj.br/nurc-rj/main.htm](http://www.lettras.ufirj.br/nurc-rj/main.htm)

<sup>5</sup> Disponível em [www.corpusdoportugues.org/](http://www.corpusdoportugues.org/)

<sup>6</sup> Disponível em [www.lettras.ufirj.br/peul/](http://www.lettras.ufirj.br/peul/)

equilibrando, por assim dizer, esses dois vieses em prol de uma abordagem de pesquisa mais integradora.

Tal redimensionamento tem como motivação básica a assunção da perspectiva construcional, na linha de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). De acordo com tal concepção, tal como se encontra em Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010; 2015), os usos linguísticos são interpretados como resultantes de pressões de ordem estrutural, cognitiva e pragmático-discursiva, assim referidos:

1. Ordem estrutural: esquemas moldam as formas linguísticas, com base na concepção da língua como rede de construções;
2. Ordem cognitiva: processos de ordem geral impactam a configuração da gramática, destacados em Bybee (2010), como: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogização e associação transmodal;
3. Ordem pragmático-discursiva: fatores intralinguísticos e extralinguísticos, como gênero discursivo, sequência tipológica, perfil dos interlocutores e seu nível de habilidade, propósito comunicativo, tempo, espaço, entre outros, como referidos em Oliveira (2012; 2015), concorrem para a regularização do uso linguístico.

De acordo com a LFCU, a língua é uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, e a gramática é motivada e regulada por fatores estruturais, cognitivos e sociocomunicativos, daí o estudo da língua com base nesses fatores. Nesse sentido, as propriedades da estrutura linguística devem ser descritas e explicadas em termos da aplicação de processos cognitivos gerais, e a emergência e a mudança linguísticas são atribuídas à aplicação repetida desses processos.

Nas subseções a seguir, são detalhadas as três pressões aqui referidas.

### ***1.1 A língua como uma rede de construções***

O conceito de *construção* dá conta de um grande número de unidades linguísticas, dispostas num *continuum*, de modo que a distinção entre tais constituintes é gradiente e não discreta. Conforme definida pelo Cognitivismo, a construção é o pareamento convencional *forma-função* e a língua é concebida como um conjunto de construções (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Na perspectiva construcional, todas as unidades da língua são construções: morfemas simples (*-s* de plural), expressões idiomáticas (*boca de siri*),

estruturas sintáticas (SN, SV) e mesmo padrões textuais (GOLDBERG, 1995; ÖSTMAN, FRIED, 2005). Portanto, nosso objeto de pesquisa, a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , também é assumido como construção, integrante da classe dos marcadores discursivos do português.

A convencionalidade do pareamento *forma-função* e suas propriedades são detalhadas a seguir, com base em Croft (2001, p. 18):

Considerando que construções são "fundamentalmente unidades simbólicas", Croft (2001, p.18) representa a estrutura simbólica de uma construção.

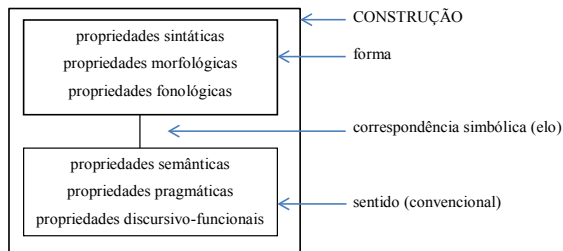


Figura 1: Elo de correspondência simbólica construcional

Como podemos observar na Figura 1, Croft (2001) considera o eixo da forma integrado por propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto vincula propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais ao eixo do sentido. Ambos os eixos se encontram integrados, em menor ou maior grau, de modo que o sentido construcional é atingido pela correspondência entre ambos, sendo esse sentido distinto da mera soma de cada subparte componente da construção.

A distinção entre construções lexicais e construções gramaticais está no grau de complexidade interna de cada uma e no tipo de sentido articulado (respectivamente, mais conteudístico ou procedural), sendo essa fronteira por vezes difusa. Em nosso caso específico, a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  trata-se de uma construção gramatical, de conteúdo procedural, em estágio mais avançado, já que se situa no nível pragmático da língua. Classifica-se ainda como estruturalmente complexa, dado que comporta duas subpartes – V e X, que, integradas, concorrem para a configuração do sentido geral.

Na abordagem da LFCU, a língua é concebida como uma *rede de nós ligados por elos*, e as associações entre esses nós (ou construções) tomam a forma de hierarquias de herança. Assim posto, a língua é assumida como

uma rede construcional, ou seja, como um sistema hierárquico organizado em níveis. Os esquemas são generalizações de nível mais abstrato, distribuídos em subesquemas, como grupos específicos do esquema mais alto, ligados ao significado central da construção; por fim, as microconstruções representam tipos individuais de cada subesquema. As microconstruções são instanciadas por construtos (*tokens*), ocorrências empiricamente atestadas, instâncias de uso em uma ocasião particular, produzidas por um falante particular com um propósito comunicativo particular. Tal hierarquia está representada a seguir:

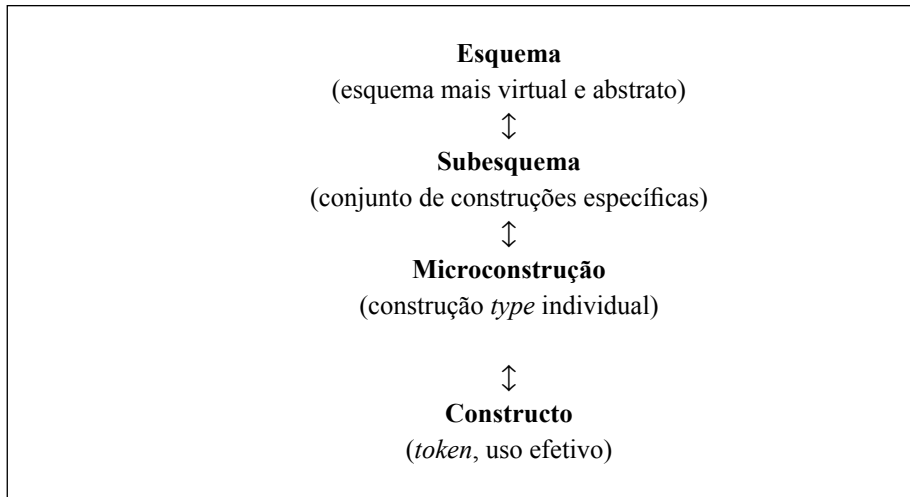


Figura 2: Hierarquia construcional (Oliveira, 2015, p. 25)

Na Figura 2, a seta dupla entre cada nível representa dois movimentos: no sentido de baixo para cima, constitui o processo de construcionalização, pelo qual novos pareamentos de forma e sentido são criados na língua, via contextos de uso específicos, conforme se encontra em Traugott e Trousdale (2013); no sentido de cima para baixo, destaca a analogização, como referida em Fischer (2009), em que, a partir de um modelo ou esquema já fixado, a comunidade linguística elabora novos usos, ampliando o próprio esquema. No caso específico da construção aqui pesquisada, a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , podemos considerar que se trata de um subesquema, uma família específica, integrada por verbos perceptivo-visuais (*olhe lá, veja aí*), do esquema maior  $[V(X)]_{md}$ , que abriga também subesquemas formados por verbos de movimento (*vamos lá, vá lá*), de cognição (*sei lá*), de volição (*quero lá*), entre outros, como demonstra Teixeira (2015).

Construções também se distinguem por conta de outras três propriedades gradientes: *esquematicidade*, *composicionalidade* e *produtividade*. A esquematicidade é propriedade atinente à categorização que envolve abstração. Assim, o esquema é a generalização mais avançada das categorias taxonômicas e é mais geral do que o subesquema, que, por sua vez, é mais geral do que a microconstrução, uma vez que se trata esta do nível virtual mais específico. Há na língua construções mais esquemáticas, como  $[SVO]_{ot}$  ou  $[VLoc]_{md}$ , e outras mais idiossincráticas, como frases feitas ou itens lexicais. Quanto mais esquemática uma construção, maior sua frequência *type* e mais abstrato seu sentido. No caso específico da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , trata-se de uma construção de alto grau de esquematicidade, em que ambas as subpartes – V e X – constituem *slots*<sup>7</sup> que podem ser preenchidos por elementos diversos.

A composicionalidade se refere ao grau de transparência entre forma e significado no nível das subpartes de uma construção, à relação entre combinação semântica e sintática interna à construção. Essa propriedade tem estreita relação com esquematicidade, uma vez que, quanto mais composicional, menos esquemática é uma construção. Construções lexicais, em geral, exibem maior composicionalidade do que as gramaticais, como a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ .

Já a produtividade constitui propriedade gradiente relativa aos parâmetros de frequência, tanto em termos do *type* (do pareamento construcional instanciando), quanto em termos do *token* (do uso efetivo, do constructo). Conforme Bybee (2010; 2015) e Traugott e Trousdale (2013), consideramos que a formação de novas construções, na perspectiva da mudança linguística, envolve aumento de produtividade, uma vez que se rotinizam práticas de dizer, que acabam por se regularizar na comunidade linguística. Em termos da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , assumimos que é maior a produtividade *type* do que *token*.

A metáfora de rede reflete, portanto, o fato de que a língua é um sistema de entidades interconectadas e de que tal concepção se ajusta (i) às afirmações da Linguística Cognitiva de que outros aspectos da cognição também são estruturados como uma rede; (ii) à postura de Bybee (2010), de que a modelagem da língua é parte da nossa capacidade cognitiva de categorizar e estabelecer relações; (iii) à asserção de Goldberg (1995) de que o conhecimento da língua

<sup>7</sup> *Slots* são lugares esquemáticos de uma construção, passíveis de serem preenchidos e instanciados por distintos constituintes, como V e X; quanto mais esquemática é uma construção, menor sua composicionalidade e maior é a tendência à formação de *types* específicos do mesmo padrão, revelando sua produtividade.



é parte de um sistema de conhecimento que inclui a visão, a música e outras capacidades cognitivas; (iv) à proposição da *direcionalidade* para a mudança linguística, no viés mais recente da LFCU, conforme Traugott e Trousdale (2013).

## 1.2 Processos cognitivos de domínio geral

De acordo com Bybee (2010; 2015), os seres humanos são dotados, pelo menos, de cinco habilidades cognitivas, fundadas em sua experiência histórico-social, que se manifestam tanto em atividades linguísticas como não linguísticas. Tais habilidades atuam em conjunto, em maior ou menor grau, nos vários setores da vida humana e, de modo especial, nas interações linguísticas.

Dos cinco processos cognitivos de domínio geral, listados no início desta seção, destacamos três, que se apresentam como mais relevantes para a pesquisa da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ . São eles categorização, *chunking* e analogização.

Um dos mais básicos processos cognitivos é a categorização, que diz respeito à similaridade ou à ligação de identidade que ocorre entre membros de uma classe. Pela categorização, as pessoas criam e classificam conjuntos, baseadas em sua experiência e percepção. Linguisticamente, a categorização está expressa, por exemplo, na classificação dos tipos de texto, das funções sintáticas, das classes de palavra, das configurações silábicas, entre outros níveis gramaticais de uma língua.

Na LFCU, a categorização é abordada prototipicamente, ou seja, têm impacto na representação dos membros em termos da classe a que pertencem; quanto mais esses membros portam traços de uma categoria, mais são tomados como exemplares desta. Nesse sentido, consideramos que nosso objeto de pesquisa, a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , situa-se à margem da classe dos marcadores discursivos, como um novo membro deste grupo, resultante de construcionalização<sup>8</sup>, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Com relação ao *chunking*<sup>9</sup>, é considerado como habilidade que diz respeito às sequências de unidades que são concebidas como um todo de sentido e estrutura, na formação de outras mais complexas. Nesse sentido, esse pro-

---

<sup>8</sup> Em Teixeira (2015), detecta-se o processo histórico de mudança linguística que resultou na formação de um novo membro da classe dos marcadores discursivos do português, a partir de um esquema formado por verbo e pronome locativo. Trata-se de *construcionalização*, conforme Traugott e Trousdale (2013), uma vez que a trajetória da língua resulta num novo pareamento linguístico, um novo nó na rede construcional, com nova forma e função.

<sup>9</sup> O termo recebe por vezes a tradução para o português como *encadeamento*.

cesso tem a ver com a dimensão gestáltica e holística com que apreendemos e representamos o mundo.

Em termos linguísticos, *chunking* relaciona-se com a concepção das unidades pré-fabricadas (UPF), nos termos de Erman e Warren (2000), pertencentes ao *princípio idiomático* da língua. Conceitos linguísticos como os de texto, parágrafo, período, oração, predicado, sintagma, palavra e sílaba, entre outros, exemplificam o processo cognitivo de encadeamento. As UPF podem ser de tipo lexical, gramatical, pragmático ou reduzido. Podemos interpretar a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  como uma UPF de tipo pragmático, dado que atua em prol da marcação discursiva, como unidade de forma e sentido, como uma construção que exhibe maior esquematicidade e menor composicionalidade.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), os seres humanos são basicamente analógicos, no sentido de que tendem a criar, com base em padrões já disponíveis, novos usos, que guardam correspondência com o padrão original. Em termos linguísticos, a analogização define-se como habilidade cognitiva referente à criação de novos dizeres com base em outros já existentes, que foram convencionalizados a partir de experiências linguísticas anteriores. Assim posto, membros exemplares de uma dada categoria, justamente por causa de sua exemplaridade, tornam-se modelos para outras criações.

A analogização está presente em distintos níveis da descrição gramático-textual. Na produção de textos, é observada, por exemplo, a partir de certos modelos de redação, com base em estruturas convencionais de natureza dissertativa, narrativa, descritiva, expositiva, entre outras. Na sintaxe, a configuração dos sintagmas fornece também modelo padrão para a criação de novos usos, como a nominalização de verbos (det. + N > *o andar*) e a correlação (*ou X ou Y* > *seja X seja Y*). Na morfologia, novos verbos são criados com base no esquema mais geral e regular da primeira conjugação (base + ar > *deletar, formatar*) e novos substantivos são derivados a partir do uso de afixos não previstos inicialmente (*sofrência, imexível*). Assumimos que nosso objeto de pesquisa, a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , conforme exposto em Teixeira (2015) e Oliveira e Teixeira (2017), é um subesquema, via analogização, do esquema maior  $[V(X)]_{md}$ , uma vez que os verbos inicialmente recrutados para esse pareamento, que se tornaram os exemplares a partir dos quais outros passaram a preencher o *slot* V, eram de sentido espacial, como *estar, ir e vir*.

### 1.3 Motivações pragmático-discursivas

Além da dimensão estrutural e cognitiva, os usos linguísticos, na perspectiva da LFCU, são impactados por pressões de ordem pragmático-discursiva. Assim, é preciso levar em conta o tempo em que foi realizada a interação, seu propósito comunicativo, o perfil e papel dos interlocutores, a modalidade, entre outras motivações que cercam e configuram a cena comunicativa.

Tal consideração leva em conta ainda, e de modo relevante, os aspectos atinentes ao gênero discursivo e ao tipo de sequência textual elaborado, nos termos de Bonini (2005) e Marcuschi (2002; 2008). Assim, trechos marcados por maior abstração e (inter)subjetividade, como os injuntivos, os expositivos e os dissertativo-argumentativos, tendem a favorecer inferências e articulações polissêmicas, numa etapa considerada inicial para a mudança linguística, que deriva em criação de construções na língua. Esse processo tem a ver ainda com a derivação *objetividade* > *subjetividade* > *intersubjetividade*, conforme defendido em Traugott e Dasher (2002). Correlaciona-se também com a proposição da *inferência sugerida*<sup>10</sup>, segundo os mesmos autores, na referência ao jogo interacional por intermédio do qual o locutor sugere que o interlocutor compartilhe seus pontos de vista, crenças e atitudes, com base na reutilização de formas já disponíveis (mais concretas e objetivas) para novos fins (mais abstratas e intersubjetivas).

## 2. $[V_{pv}(X)]_{md}$ e a marcação discursiva

Conforme se encontra em Sambrana (2017), a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  constitui, no português contemporâneo, um esquema construcional altamente vinculado e parcialmente produtivo, notadamente em interações mais informais e injuntivas, nas quais preponderam pressões intersubjetivas, nos termos de Traugott e Dasher (2002). A íntima vinculação de suas subpartes, com perda acentuada das propriedades típicas de seus constituintes (V e X), contrasta com o modo mais desvinculado com que  $[V_{pv}(X)]_{md}$  atua nos textos em que ocorre.

A função precípua dessa construção é pontuar a sequência em que se insere, orientando o foco do interlocutor para o que se intenta destacar; trata-se de um tipo de *inferência sugerida*, nos termos de Traugott e Dasher (2002). Para tanto,

---

<sup>10</sup> Tradução nossa para o correspondente original do inglês *invited inference*.

são recrutados os verbos *ver* e *olhar*, de semântica perceptivo-visual, que, em contextos marcados por intersubjetividade e abstração, expandem seu sentido, migrando da referência física corporal para a cognitiva. Nas instâncias da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , o locutor convida o interlocutor a perceber, aconselhar, sugerir, advertir, observar, entre outros efeitos de sentido abstrato, como ilustramos a seguir:

(3) DOC. - *E quando você quer ligar várias coisas numa tomada?*

LOC. - *A gente usa o, ih, benjamim, né?*

DOC. - *É isso mesmo, **olha aqui**, você gosta, você é ligada em roupa?*

LOC. - *Não. Não sou ligada em roupa não.* (NURC-RJ, DID, Inq.14, Loc. 17, 1971)

(4) *Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse.* (CP, séc. XX, Br, Fic, João do Rio, *O Momento Literário*, 1907)

Nos fragmentos (3) e (4), as formas em destaque são recrutadas pelos falantes com o objetivo de chamar a atenção dos ouvintes e regular todo o movimento interativo dos interlocutores. Em ambas as sequências, os agentes da interação, por intermédio da instanciação da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  e do uso de outras estratégias linguísticas e extralinguísticas, regulam suas atitudes, com base nos papéis sociais que cumprem, bem como no desenvolvimento textual e na negociação de sentidos. A distinção verificada entre *olha aqui* e *vê lá* está nos propósitos comunicativos com que é construída a interação, com base na forma pela qual os interlocutores perseguem o cumprimento de seus objetivos. Em (3), o marcador discursivo *olha aqui* aproxima o ouvinte do falante, encurtando o espaço atencional entre os interlocutores e valorizando a informação a ser veiculada. Em (4), o marcador discursivo *vê lá* agrega sentido de repreensão ao contexto, como um tipo de repreensão atenuada, em que o locutor sugere que o interlocutor fique atento, que veja, que perceba (*vê*), para além da distância em que se encontram (*lá*).

Trata-se, portanto, de formações altamente vinculadas e cujo sentido é atingido para além da soma de cada subparte – V e X. Esse sentido maior e mais esquemático é o da marcação discursiva. Entre a distinta conceituação dos marcadores discursivos na literatura linguística, partimos da seguinte, que consideramos contemplar a funcionalidade da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ :

Trata-se de amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções, e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (RISSO, SILVA, URBANO, 2002, p. 21)

Assim posto, assumimos que a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  se encontra em ponto avançado na rota de mudança gramatical, dado que a marcação discursiva atua no nível pragmático da língua, para além da dimensão sintática. Em termos construcionais, a menor integridade de conteúdo e forma das subpartes V e X revela a menor composicionalidade e a maior esquematicidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), desse pareamento. A subparte X, em papel *afixóide*<sup>11</sup>, contribui para o sentido construcional, perspectivando V, na formação de um elemento da classe dos marcadores discursivos do português. A depender do preenchimento de X, altera-se a referida perspectiva, como demonstrado em Sambrana (2017), nos exemplos a seguir:

(5) - *Não, doutor, não entenda mal. A gente tem de escrever tudo num papel para o homem entender. Assim mesmo, ele só lê soletrando, palavra por palavra. Rolim começava a impacientar-se. Aquele delegado, que lhe fora tão recomendado, estava lhe saindo um trapalhão, prolixo como Cantinflas, prolixo como os advogados de causas perdidas de que já se julgava livre, prolixo, não, prólixo. Interrompeu o diagnóstico da surdez que Pulmann fazia do velho contínuo da CND: - **Olhe aqui**, delegado, trate de soltar essa gente, porque não há fundamento legal para qualquer prisão. Não tarda a chegar aí um advogado com um habeas-corpus. Responda, agora: já localizou algum dos informantes sobre os quais você mandou*

<sup>11</sup> De acordo com Booij (2010; 2013), definimos *afixóide* como uma categoria gradiente, situada no intervalo entre termos lexicais, de conteúdo mais pleno, como nomes e verbos, e termos de maior sentido procedural, de conteúdo abstrato, como afixos e desinências.

*manter vigilância? Creio que achá-los será o caminho para encontrar os chefões.* (CP, séc. XX, Fic, L. Beltrão, *A Greve dos desempregados*, 1984).

(6) ACM: - *Temos a compreensão de que parlamento é para servir, não para alguém se servir dele; mas creio que se deve remunerar decentemente o parlamentar. Mas sou contra a remuneração indireta, como nomear pessoas sem necessidade e criar cargos para familiares. Isto não honra ninguém.*

*Estado: - Que pontos da reforma do judiciário o senhor considera necessários?*

ACM: - *Sou a favor da súmula vinculante. **Olha aí**, estou ao lado do ministro Pertence. Não é possível que a Justiça continue julgando coisas já definidas pela Suprema Corte. O efeito vinculante é uma necessidade. O mais grave, porém, é que o pobre não tem acesso à Justiça.* (CP, séc. XX, Br, oral, A. C. Magalhães, 1997)

(7) *Sua mão preta, de unhas brancas, desafivelava, fazia o troco, afivelava - independente do seu olhar, que vagava ao longe, e apenas baixava uma ou outra vez, para conferir. Maria Maruca quis provar aquela comida de pretos. **Olhe lá...** Tome cuidado... - dizia Dentinho de Arroz. Essa gente sabe muita coisa... Podem botar dentro alguma porcaria. Maria Maruca desdenhava: 'Eu lá tenho medo de feitiços' - Sua cara vermelha brilhava ao sol. Amontoaram-lhe no prato o pirão de milho, e viraram-lhe, ao lado, umas colheradas do ensopado de bofe e coração.* (CP, séc. XX, Br, Fic, C. Meireles, *Olhinhos de gato*, 1939)

Nesses três fragmentos, representativos de sequências dialógicas e com forte marca injuntiva, ilustramos a instanciamento da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  por intermédio do verbo perceptivo-visual *olhar* pareado a distintos pronomes locativos. Observamos, em cada um desses usos, a concorrência da subparte locativa na formação de pareamentos específicos, com base em distinta perspectivização do espaço; nesses contextos, o marcador, em posição inicial de turno, abre declarações de funcionalidade mais específica, para as quais concorre efetivamente. Em (5), o personagem Rolim interrompe rispidamente seu interlocutor com o marcador *olhe aqui*, que abre a declaração maior em tom de ameaça: *trate de soltar essa gente, porque não há fundamento legal para qualquer prisão*; Rolim chama para si a responsabilidade e o destaque de seu ponto de vista, função para a qual concorre efetivamente o afixóide *aqui*, marcador da primeira pessoa do discurso; com esse artifício, Rolim não só atua sobre o delegado (*olhe*) como também veicula uma forte opinião pessoal (*aqui*). Já em (6), numa sequência de entrevista, ACM responde a uma pergunta do repórter com a declaração *Sou*

a favor da *súmula vinculante*. **Olha aí**, estou ao lado do ministro Pertence; o marcador **olha aí** volta-se novamente para o interlocutor, como em (5), mas agora, por intermédio do afixóide **aí**, ACM centra a perspectiva no interlocutor, de onde parte a pergunta, em estratégia altamente intersubjetiva e persuasiva. No fragmento (7), o marcador **olhe lá** abre espaço para o conselho dado a Maria Maruca: *Tome cuidado... Essa gente sabe muita coisa... Podem botar dentro alguma porcaria*; a instanciación de **lá** nessa formação concorre para articulação do sentido de aconselhamento e recomendação de toda a sequência, como se num lugar vago e mais distante (**lá**) estivesse o perigo (*Podem botar dentro alguma porcaria*).

Consideramos que a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , via analogização, constitui um subesquema do esquema maior  $[V(X)]_{md}$ . Esse, por sua vez, se origina, na trajetória do português, em contextos oracionais transitivos, formados por verbo de sentido mais referencial, de deslocamento (*ir*; *vir*) ou de estado (*estar*, *ficar*), acompanhado por complemento locativo, tal como demonstrado em Teixeira (2015).

### 3. A construção $[V_{pv}(X)]_{md}$ no PB contemporâneo – padrões e produtividade

Constatamos que, na instanciación da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , são recrutados os verbos *olhar* e *ver* para preenchimento da subparte V. No caso de ser preenchida a segunda subparte, há o acréscimo de um advérbio (afixoide) com valor locativo ou focalizador. Assim posto, temos as seguintes microconstruções:

- i) de base verbal perceptivo-visual *olhar* com uma só parte, como: *olha*, *olhe* e *olhem*;
- ii) de base verbal perceptivo-visual *olhar* com duas subpartes, acrescida de um afixoide com valor locativo, como: *olha aqui*, *olhe aqui*, *olha lá*, *olhe lá* e *olha aí*;
- iii) de base verbal perceptivo-visual *olhar* com duas subpartes, acrescida de um afixoide com valor focalizador, como: *olha bem* e *olha só*;
- iv) de base verbal perceptivo-visual *ver* com uma só parte, como: *vê*, *veja*, *vejam*, *vejamos* e *viu*;

v) de base verbal perceptivo-visual *ver* com duas subpartes, acrescida de um afixoide com valor locativo, como: *vê lá* e *veja lá*;

vi) de base verbal perceptivo-visual *ver* com duas subpartes, acrescida de um afixoide com valor focalizador, como: *vê só*, *veja só*, *vejam só*, *vê bem*, *veja bem* e *vejam bem*.

O levantamento de dados nos *corpora* referidos resultou na detecção de 23 microconstruções, sendo 10 *types* de base verbal *olhar* e 13 de base verbal *ver*. Em termos de produtividade, quantificamos as frequências *type* e a *token* por base verbal.

Nos quadros 1 e 2, apresentamos o levantamento referido:

MICROCONSTRUÇÃO		TOKENS	PARCIAL de TOKENS	TYPE VIRTUAL
uma parte	olha	1.719	1.953	olhar(=)
	olhe	227		
	olhem	7		
duas subpartes	olha aqui	29	97	olhar(loc)
	olhe aqui	19		
	olha aí	16		
	olha lá	11		
	olhe lá	22		
	olha bem	4		
	olha só	80	84	olhar(foc)
TOTAL GERAL	10 microconstruções	2.134 tokens		3 conjuntos de formas

Quadro 1: Frequência *token* e *type* da base verbal *olhar*. Fonte: Sambrana (2017)



MICROCONSTRUÇÃO		TOKENS	PARCIAL de TOKENS	TYPE VIRTUAL
uma parte	vê	11	373	ver(=)
	veja	32		
	vejam	5		
	vejamos	5		
	viu	320		
duas subpartes	vê lá	5	12	ver(loc)
	veja lá	7		
	vê só	2	91	ver(foc)
	veja só	25		
	vejam só	6		
	vê bem	2		
	veja bem	50		
	vejam bem	6		
TOTAL GERAL	13 microconstruções	476 tokens	3 conjuntos de formas	

Quadro 2: Frequência *token* e *type* da base verbal *ver*. Fonte: Sambrana (2017)

Comparados os quadros 1 e 2, observamos que a frequência *token* das formas de base verbal perceptivo-visual *olhar* é mais produtiva, por conta do expressivo número de ocorrências, na formação de um conjunto de 2.134 dados levantados, contra 476 registros de *ver*. Assim posto, a frequência *token* das formas de base verbal perceptivo-visual *ver* é considerada menos produtiva. De outra parte, ambos os quadros permitem constatar que a frequência *type*, que é a regularidade de apresentação das formas do padrão, se mantém estável nas duas bases verbais: nas microconstruções da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , ou temos somente a subparte verbal e suas possíveis flexões (*veja, vejam vejamos*, etc), ou a essa subparte é acrescido um afixóide de natureza adverbial locativa ou focalizadora (*veja lá, veja bem, vê só*, etc). Como podemos observar a partir dos quadros 1 e 2, a variabilidade de microconstruções instanciadas pela  $[V_{pv}(X)]_{md}$  não é aleatória ou fortuita; trata-se de *types* que exibem padrão de regularidade.

Na consideração de que a língua é uma rede construcional, assumimos que a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  integra o português, como nó específico, a classe dos marcadores discursivos de base verbal  $[V(X)]_{md}$ . Esse esquema, por sua vez, tem um su-

besquema formado por verbos perceptivos de variada natureza, como auditivos (*escuta aqui*), táteis (*pega aí*) e visuais (*olha lá, veja bem*). Nosso objeto de pesquisa, assim posto, integra uma dessas subfamílias. Em termos específicos,  $[V_{pv}(X)]_{md}$  configura-se como um esquema composto por subesquemas e por construções individuais, ou microconstruções, interconectadas em linha vertical e horizontal. Em perspectiva horizontal, estabelecem-se relações de *degeneração*<sup>12</sup>, nos termos de Van de Velde (2014, p. 141).

Na Figura 3, representamos essa visão hierárquica e interconectada da classe dos marcadores discursivos de base verbal, com destaque para a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ :

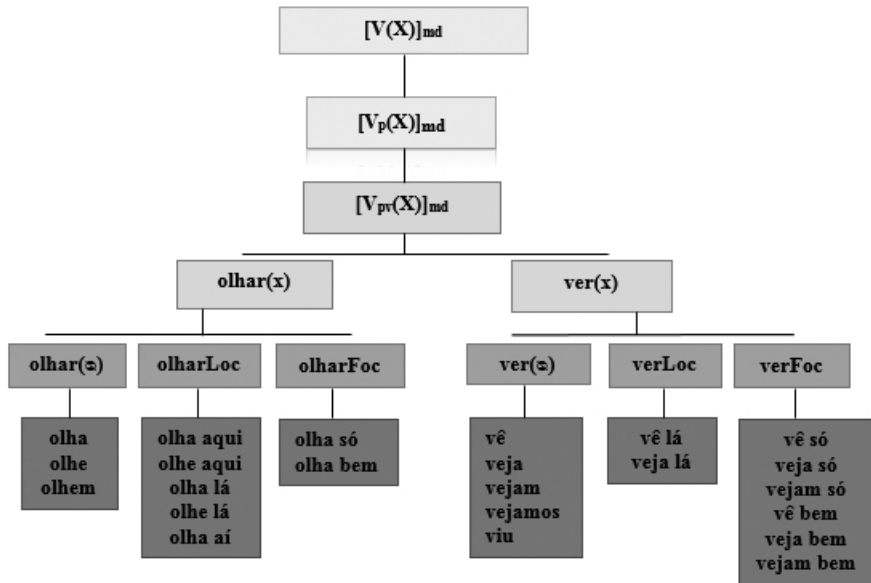


Figura 3: Distribuição dos níveis de esquematicidade da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ . Fonte: Sambrana (2017)

Conforme podemos detectar pela Figura 3, no nível mais alto de esquematização, situa-se a  $[V(X)]_{md}$ , que engloba todas as construções de marcação

<sup>12</sup> O autor utiliza o termo *degeneração*, tomado da área da biologia evolutiva, para se referir às relações associativas, no nível horizontal, na rede de construções, relações essas que têm a ver com competição pelo uso ou variação, uma vez que os pareamentos alinhados horizontalmente apresentam funções mais ou menos correspondentes.

discursiva de base verbal do português, passíveis de serem sucedidas por outros constituintes. No nível imediatamente abaixo, destaca-se o subconjunto desse pareamento formado por verbos perceptivos em geral, a  $[V_p(X)]_{md}$ . A  $[V_{pv}(X)]_{md}$  localiza-se abaixo desse subconjunto, como construção a partir de verbos perceptivo-visuais, distribuída em dois subesquemas – os da base *olhar* e os da base *ver*, que, por sua vez, são compostos por microconstruções, como *types* específicos.

Constatamos, assim, que a rede construcional ilustrada na Figura 3 é formada por dois tipos de nível de relação. No nível vertical, referente à hierarquia de constituintes, verificamos pareamentos mais esquemáticos e convencionais, como a  $[V(X)]_{md}$ , a  $[V_p(X)]_{md}$  e a  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , e, de outra parte, pareamentos mais específicos, no nível microconstrucional. Já no plano horizontal, as relações são nomeadas de *degenativas* (VAN DE VELDE, 2014), uma vez que os pareamentos podem se associar e mesmo competir por instanciamento, dado que nesse nível o eixo da função guarda correspondência; tal viés associativo e competitivo é responsável por variação, tanto no âmbito da própria rede construcional (como no caso das microconstruções *vê* e *veja*, pertencentes ao mesmo subesquema), como entre redes distintas (como no caso de *vê* e *preste atenção*), tal como se defende em Oliveira (no prelo).

Tanto as relações verticais quanto as horizontais atestam a expansão *host-class*<sup>13</sup>, nos termos de Himmelmann (2004). De acordo com o referido autor, a partir da formação de uma construção, esta pode se ampliar, tanto vertical quanto horizontalmente, fazendo crescer as possibilidades de preenchimento de suas subpartes, tal como verificamos no caso dos esquemas  $[V(X)]_{md}$ ,  $[V_p(X)]_{md}$  e  $[V_{pv}(X)]_{md}$ . Assim, a rede se expande na base de um padrão que ganha traços mais específicos, mantendo o esquema mais alto.

## Considerações finais

Ao longo das seções anteriores, identificamos e descrevemos a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  com destaque para sua função marcadora discursiva em sequências textuais do PB contemporâneo. Tais sequências são marcadas por intersubjetividade, nos termos de Traugott e Dasher (2002), ou seja, por estratégias que fazem os interlocutores negociarem sentidos, crenças e pontos de vista na interação, agindo uns sobre

<sup>13</sup> Termo traduzido para o português como *classe hospedeira, matriz ou principal*.

os outros. Assim, sequências injuntivas, expositivas e argumentativas, não raro em discurso direto, são o lócus preferencial para a instanciação da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ .

A  $[V_{pv}(X)]_{md}$  é um esquema gramatical, dado que articula sentido procedural, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), atuando no nível pragmático da língua. Trata-se de uma construção complexa, exibindo alto grau de esquematicidade, com suas subpartes altamente vinculadas em termos de sentido e forma. No que concerne à estruturação interna, constatamos que *olhar* e *ver* são os elementos recrutados para preencher o *slot* V na construção pesquisada, com a formação de dois subesquemas a partir das duas bases verbais. Com base em Bybee (2003; 2015), constatamos que o subgrupo formado por *olhar* apresenta-se como o mais produtivo em termos de frequência *token*, em termos do número de usos efetivos, ou *constructos*; já a frequência *type*, que controla o padrão de ocorrência, mostra equilíbrio em ambos os subesquemas.

Com relação à segunda subparte, o *slot* X, quando preenchida, recruta advérbios locativos ou focalizadores para tal. Tanto a flexão de V quanto a natureza adverbial de X são traços fundamentais para o pareamento de sentido e forma específico de cada uma das 23 microconstruções levantadas nos *corpora* pesquisados.

Como, na LFCU, a concepção de língua como rede construcional se coaduna e complementa com o foco nos usos linguísticos, podemos relacionar ambas as dimensões no tratamento de nosso objeto de pesquisa. Ao situarmos a  $[V_{pv}(X)]_{md}$  em perspectiva de rede, constatamos que se trata de uma subfamília da  $[V_p(X)]_{md}$ , que, por sua vez, integra o esquema maior  $[V(X)]_{md}$ ; a abordagem da  $[V_{pv}(X)]_{md}$  nessa perspectiva permite investigá-la tanto em termos hierárquicos, ou verticais, quanto em termos relacionais/associativos, ou horizontais. A arquitetura da rede, de outra parte, é fixada a partir dos *constructos*, dos usos linguísticos como evidência de instanciação da  $[V_{pv}(X)]_{md}$ . É pelos dados de uso, pelo levantamento de *constructos*, tal como observamos na terceira seção deste artigo, que chegamos à fixação de esquemas, subesquemas e microconstruções.

Os resultados a que chegamos ensejam a continuidade da pesquisa, que, agora, passa a assumir viés histórico, a fim de que sejam identificados os contextos iniciais da mudança linguística que derivou na  $[V_{pv}(X)]_{md}$ , tal como instanciada hoje no PB. Outra vertente de investigação é, a partir de pesquisa empírica, dar continuidade à fixação, hierárquica e relacional, de construções lexicais e gramaticais do português, concorrendo para que mais e melhor possamos vislumbrar os esquemas linguísticos de nossa língua.

## Referências bibliográficas

- BISPO, E. B; FURTADO DA CUNHA, M. A (orgs). *Revista Odisseia*, v. 2, edição especial. Contribuições do Funcionalismo à pesquisa linguística, 2017.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L, BONINI, A; MOTTA-ROTH, D (orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 208-236.
- BOOIJ, G. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 255-273.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In JOSEPH, B.; JANDA, R. (orgs.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CEZARIO, M. M; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. at al (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.
- ERMAN, B; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, n. 2, 2000, p. 29-62.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: *Vienna English Working Papers*, vol. 18, n. 2, 2009, p. 3-23
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: Bisang, Himmelmann & Wiemer (eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic Introduction*. New York: OUP, 2008.
- MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A; MACHADO, A; BEZERRA, M. A (orgs) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- \_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, M. R. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. (org). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 133-152.
- OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Linguística centrada no uso - teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015, p. 22-35.
- OLIVEIRA, M. R. Arquitetura construcional e competição pelo uso. In: BISPO, E; FURTADO DA CUNHA, M. A; SILVA, J. R. (orgs). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Edufrn, (no prelo).
- OLIVEIRA, M. R; CEZARIO, M. M. (orgs). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017.
- OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs). *Linguística centrada no uso - teoria e método*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015.
- OLIVEIRA, M. R; TEIXEIRA, A. C. Padrões construcionais de base locativa na perspectiva do texto e da gramática do português. In: LUQUETTI, E. C. F; MOURA, S. A. (org). *Linguística em perspectiva: cognição e ensino de língua e literatura*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017, p. 74-91.
- ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- RISSO, M. S; SILVA, G. M; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. V. (org). *Gramática do português falado*. 2<sup>ed</sup>. São Paulo: Unicamp, v. VI, 2002, p. 21-57.
- ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, 2016, p. 233-259.
- SAMBRANA, V. R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2017.

- TEIXEIRA, A. C. *A construção verbal marcadora discursiva VLoc<sub>md</sub>: uma análise funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2015.
- TRAUGOTT, E. *Toward a coherent account of Grammatical Construcionalization*. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer, March 2<sup>nd</sup>, 2012.
- TRAUGOTT, E; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R; COLLEMAN, T; RUTTEN, G. (eds). *Constructions all the way everywhere: the extending scope of construction grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014, p. 141-179.

Recebido em 26 de fevereiro de 2018.

Aceito em 7 de março de 2018.